

dmad

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

da mihi animas
2013

Anno LX Mensile
n. 1/2 Gennaio/Febbraio

Poste Italiane SpA
Spedizione in Abbonamento Postale
D.L. 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46)
art.1, comma 2 - DCB Roma



DOSSIÊ/RAZÕES PARA VIVER

dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma
tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi
Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana • Julia Arciniegas
Patrizia Bertagnini • Mara Borsi
Carla Castellino • Piera Cavaglià
Maria Antonia Chinello
Emilia Di Massimo • Dora Eystenstein
Maria Pia Giudici • Palma Lionetti
Anna Mariani • Adriana Nepi
Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez
Paola Pignatelli • Debbie Ponsaran
Maria Rossi • Bernadette Sangma
Martha Séide

Tradutoras

francês • Anne Marie Baud
japonês • inspetoria japonesa
inglês • Louise Passero
polonês • Janina Stankiewicz
português • Maria Aparecida Nunes
espanhol • Amparo Contreras Alvarez
alemão • inspetorias austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma c.c.p. 47272000
Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970
sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,
legge 662/96 Filial de Roma

n. 1/2 janeiro-fevereiro de 2013

Tip. Istituto Salesiano Pio XI
Via Umbertide 11 00181 Roma
USPI – Unione Stampa Periodica Italiana

Edição em Português

SUMÁRIO

EDITORIAL	<i>Coisas novas e coisas antigas</i> <i>Giuseppina Teruggi</i>	04
DOSSIÊ	<i>Razões para viver. “Vós, quem dizeis que eu sou?”</i>	05
<i>Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos</i>		
UM OLHAR SOBRE O MUNDO	<i>Unidos por uma mudança global</i>	09
ALMA E DIREITO	<i>O justo peso das palavras</i>	10
CONSTRUIR A PAZ	<i>Há 50 anos da ‘Pacem in terris’</i>	11
FIO DE ARIADNE	<i>O perdão</i>	13
<i>Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos</i>		
CULTURAS	<i>As virtudes: um retorno ao antigo?</i>	18
PASTORALMENTE	<i>Um modelo pastoral para evangelizar</i>	19
EM MOVIMENTO	<i>Às origens do Movimento Juvenil Salesiano</i>	21
EM DIÁLOGO	<i>Entrevista com...</i>	22
<i>Comunicar: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia</i>		
FAZER PARA DIZER	<i>Comunicação e identidade carismática</i>	23
MULHERES NO CONTEXTO	<i>Mulheres e Nova Evangelização</i>	25
VÍDEO	<i>O Senhor Lazhar</i>	26
ESTANTE	<i>Vídeos e livros</i>	27
LIVRO	<i>Cyberteologia</i>	28
CAMILLA	<i>Vox Populi</i>	31



Coisas novas e coisas antigas

Giuseppina Teruggi

Alguns eventos mundiais, eclesiais, salesianos orientam os conteúdos da *Revista DMA*. Detivemo-nos sobre os que nos pareceram de particular significado. A ONU declarou 2013 o “Ano da cooperação no setor hídrico” e em Nápoles se realizará o “Forum Internacional das culturas”. Como Igreja vivemos o “ano da fé”, fazendo eco ao Sínodo celebrado em outubro passado sobre “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”.

No Rio de Janeiro e nas Dioceses de todo o mundo está em andamento a preparação para a JMJ sobre o tema “*Ide e fazei discípulos todos os povos*”. Outras jornadas eclesiais assinalarão temas específicos, na tentativa de acompanhar os fiéis num percurso de formação permanente na ótica do Evangelho e na escuta dos desafios culturais de hoje: o dia da Paz, da Vida Consagrada, das Comunicações Sociais, para citar alguns.

Em maio estaremos envolvidas pela Assembleia plenária da UISG sobre o tema “*Não será assim entre vocês*”.

O segundo ano de preparação ao bicentenário do nascimento de Dom Bosco sobre a pedagogia salesiana do Sistema Preventivo, e a Estreia de 2013: “*Oferecemos aos jovens o evangelho da alegria com a pedagogia da bondade*”, desafiam-nos à vivência da missão educativa colocando-nos em horizontes abertos, em sintonia com a Família salesiana. A nós FMA, a circular de convocação do CG XXIII dará impulso ao empenho de vivermos hoje nossa identidade de mulheres consagradas para a missão.

No verão passado, em Cesuna, procuramos descobrir os pensamentos e os desejos de cada FMA, para dar continuidade a um diálogo aberto e caloroso inspiramo-nos no êxito da sondagem sobre a Revista, precedentemente proposta. Consideramos as respostas que chegaram até nós como um presente, que nos permitiu acolher boas sugestões, como aquela de dar voz, nos diversos continentes, aos leigos e aos jovens para a redação de alguns artigos; de tornar a linguagem aderente à vida real. O pedido coral da volta de Camilla levou-nos a convidá-la para voltar a fazer sua análise original dos fatos da vida cotidiana e comunitária.

A *Evangelização* é a temática de fundo de cada *Dossiê*, que propõe como subtítulo um versículo do Evangelho e contém um “marcador de livro” com um comentário àquela Palavra.

Várias Rubricas são confirmadas. Outras são novas, com vários temas como, por exemplo: *Um olhar sobre o mundo*, *Em Movimento* (sobre o MJS no mundo), *Alma e Direito*, *Em diálogo*.

Desejamos um ano de grandes oportunidades, de vitalidade carismática, de fecundidade vocacional: com a *Revista DMA*!

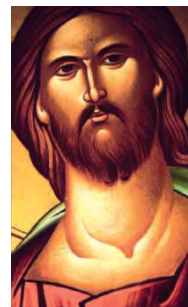
gteruggi@cgfma.org



Razões para viver.

“Vós, quem dizeis que eu sou?”

Giuseppina Teruggi



Estamos celebrando a ano da fé: um ‘percurso’ que a comunidade cristã compartilha com todos os que experimentam a nostalgia de Deus e têm o desejo de encontrá-lo de novo. Por isso é necessário que “os fieis sintam a responsabilidade de oferecer a companhia da fé para fazer-se próximo dos que pedem a razão da nossa fé”, e razões para viver.

Um Evangelho mais visível

A nova evangelização interpela de modo vital nossa identidade de FMA.

Temos porventura necessidade de um relançamento da vida cristã de modo que o Senhor Jesus e o seu evangelho sejam mais visíveis em nossa vida, em nível pessoal e comunitário? Urge uma contínua reflexão sobre a identidade de mulheres consagradas hoje, sobre a coerência do estilo de vida, sobre as exigências vocacionais que a missão comporta, sobre a força do nosso testemunho. Para que “o mundo creia”.

O periódico quinzenal *Testemunhos* (nº 16, PP. 15-16) refere-se a uma entrevista com fr. Luciano Manicardi da Comunidade de Bose (Magnano-Biella) ao qual foi perguntado quais são os elementos imprescindíveis da vida religiosa. “O seu futuro está ligado à capacidade de introduzir-se em um movimento de essencialidade e simplificação”, sustenta fr. Luciano. “O primado do evangelho e o seguimento de Cristo no amor e na liberdade são os fundamentos perenes desta vida. A comunidade e a missão são os dois elementos constitutivos que empenham a criatividade e a capacidade de inculturação dos religiosos”. Estes são os pilares da vida religiosa.

“A vida religiosa encontra-se diante de sua tarefa profética: traduzir no hoje histórico o evangelho eterno e mostrar sua beleza e vitalidade, em uma vida humana e humanizadora”. Seguir Jesus, significa ver no evangelho a *norma retíssima de vida humana*.

“Eu acredito que a vida religiosa deva colocar o acento mais no substantivo *vida* do que no adjetivo *religiosa*: isto não significa secularizar, mas sublinhar que ela não é uma vida ritualizada, não é uma vida filantrópica, não pode ser dominada pela obsessão da eficiência pastoral, mas é antes de tudo e

simplesmente uma *vida*. Vida que emerge e se revela na qualidade das relações fraternas, na afetividade ampla e libertadora que se vive no espaço comunitário, na atenção à comunicação interna e externa dada à comunidade, no modo de viver a autoridade, de cumprimentar-se e reconhecer-se reciprocamente, de ceiar juntas, de rezar juntas, de manter a esperança e de se perdoar, em suma de querer-se bem. De amar-se”.

São valores amplamente expressos na Regra de vida: ali está delineada a identidade da FMA, para uma “progressiva configuração a Cristo”, escopo de todo o processo de formação.

Assumir a *forma Christi* é estruturar uma vida integralmente humana, seguindo a humanidade de Jesus de Nazaré.

É uma vida de seguimento vivida sob o signo do amor, e do amor ‘até o fim’.

Mulheres de Evangelho

O sexênio 2009-2014 está orientado para um objetivo prioritário: “Reavivar a *identidade carismática* na sua dimensão de profecia para o mundo de hoje, em um processo de conversão ao amor que se exprime no empenho de assumir, como comunidade, a missão educativa, com a audácia do *da mihi animas cetera tolle*”.

O caminho de santidade de cada FMA coloca-se na ótica desta identidade que exige uma adesão confiante ao projeto vocacional salesiano e empenha a tramitar com alegria e responsabilidade os próprios dons, colocando-os à disposição da comunidade e da missão. Como testemunham irmãs que ainda vivem ou já viveram ao nosso lado.

Assim **Ir. Ruth Sojos**, equatoriana, que nos deixou no ano passado com 92 anos de idade. Dela foi dito: “Enraizada num forte amor a Deus e aos Fundadores, irradiou um vivo sentido de pertença. Mulher de fé, de profunda vida de oração, disponível, sincera e responsável; a experiência da vida cotidiana ensinou-lhe a valorizar o esforço para compreender os outros, para desdramatizar as situações e sempre favorecer o diálogo”.

Em agosto de 2012 faleceu em Milão, com 59 anos de idade, **Ir. Gabriela Martin**. Ela mesma assim sintetiza sua vida: “Posso dizer que a minha vida inteira foi uma experiência bonita porque sempre trabalhei com os jovens e deles recebi muito. Aprendi a viver com entusiasmo o cotidiano e a me doar sem cálculos. Compreendi que na comunidade é possível realizar o nosso ser mulher religiosa se estivermos dispostas a nos deixar envolver”.

De uma irmã japonesa idosa, **Ir. Ozawa Tatsu Teresia**, que cresceu numa família budista, foi dito que “em qualquer ocasião em que se fosse procurá-la, o seu quarto se tornava um espaço infinito, uma janela aberta sobre a comunidade inspetorial, mundial, sobre o Instituto inteiro. Estava a par do que acontecia e, do seu leito, evangelizava o mundo com a oração e uma constante serenidade. Amou muito sua vocação, viveu-a com orgulho e total fidelidade”.

De **Ir. Lina Bardini**, missionária argentina, foi evidenciado: “longo e fecundo o seu caminho de animação e de governo no Instituto, uma história ininterrupta de dedicação, um coração sem fronteiras.

Capaz de profunda escuta, sempre atenta à pessoa, dinâmica e criativa, colocou os seus dotes a serviço da missão.

Sua presença soube tecer a comunhão, convocar à unidade, convidando a gozar do espírito de família que ela soube encarnar.

Amou todas as terras e países aos quais a missão a levou e colheu afetos profundos que cultivou com coração universal”.

“Não é fácil descrever uma personalidade da tempera de **Ir. Cecilia Calle**”, afirmam as irmãs colombianas, “por uma inata simpatia que a caracterizou até o fim da vida. Ela costumava saudar as pessoas com o apelativo ‘formosura’, fossem pessoas mais ou menos conhecidas. Para cada irmã reservava um elogio, um sorriso, uma saudação cordial”.

Uma mulher capaz de expressar amor profundo por sua comunidade e de modo especial pelos pobres, nos quais pensou até seus últimos momentos.

Em 27 de outubro de 2012 fomos surpreendidas pela morte inesperada de **Ir. Anita Deleidi**: uma vida toda doada ao amor, enraizada numa sólida fé no Senhor Jesus e em Maria. “Era uma docente competente, apaixonada, aberta ao conhecimento profundo da riqueza espiritual de Madre Mazzarello”, disse dela Madre Yvonne. “O Senhor deu-lhe o dom de saber comunicar, com simplicidade e alegria, o que o seu coração de filha descobria de Madre Mazzarello. Trazemos conosco o radioso testemunho de uma FMA feliz com a própria vocação, delicada nas relações fraternas, atenta às inspirações do Espírito Santo para

colher o que de novo era ainda possível descobrir no espírito de Mornese. Resta a sua vida de fé que soube manter viva antes, ainda mais viva, no momento em que o Senhor a fez compreender que o tempo da passagem da vida terrena para a Vida que não termina havia alcançado a plenitude”.

Podemos acrescentar a estas “mulheres de evangelho”, que nos deixaram faz pouco tempo, muitos rostos de pessoas conhecidas e amadas que escrevem uma história de santidade autêntica, nos simples gestos de uma vida heroica porque radicalmente entregue, sem reservas.

O Senhor Jesus: o primeiro

O evangelho não é um código de ética, nem uma doutrina. É a Pessoa de Jesus que ainda hoje pergunta a quem está com Ele: ‘E vós, quem dizeis que eu sou?’

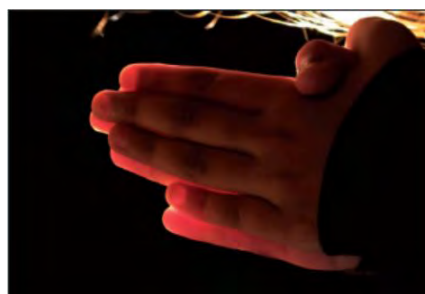
João Paulo II na JMJ de 2000 em Roma, envolveu todos os presentes em torno desta pergunta e, na sua catequese, ajudou a enorme massa de jovens a refletir sobre o seu sentido vital.

Depois de haver ilustrado a realidade contemporânea que desafia profundamente a fé, o Papa afirmou: “Caros jovens, é difícil acreditar em um mundo como este? No Ano 2000 é difícil acreditar? Sim! É difícil. Não é possível esconder esta realidade. É difícil, mas com a ajuda da graça é possível. [...]”

Esta noite eu lhes darei o evangelho. É o presente que o Papa lhes deixa nesta vigília inesquecível. A palavra contida nele é a palavra de Jesus.

Se vocês a escutarem no silêncio, na oração, fazendo-se ajudar a compreendê-la com o sábio conselho dos seus sacerdotes e educadores, então encontrarão Cristo e o seguirão, empenhando dia por dia a vida por Ele!

Na realidade, é Jesus que vocês estão buscando quando sonham com a felicidade; é Ele que os espera quando nada daquilo que encontram os satisfaz; é Ele a beleza que os atrai tanto; é Ele que os provoca com aquela sede de radicalidade sem a qual não é possível adaptar-se ao compromisso; é Ele que os impulsiona a tirar as máscaras que tornam a vida uma farsa; é Ele que lê nos seus corações as decisões verdadeiras que outros desejariam sufocar. É Jesus que suscita em vocês o desejo de fazer de sua vida algo de grande, a vontade de seguir um ideal, não se deixando agarrar pela mediocridade, a coragem de empenhar-se com



humildade e perseverança para melhorar-se e melhorar a sociedade, tornando-a mais humana e mais fraterna”.

Pouco mais de dez anos depois, Bento XVI em Madri no dia 21 de agosto de 2011, retoma o mesmo tema de João Paulo II: “Caros jovens, também hoje Cristo se dirige a vocês: ‘E vocês, quem dizem que eu sou?’. Respondam-lhe com generosidade e audácia, aquilo que corresponde a um coração jovem como o seu.

Digam a Ele: Jesus, eu sei que Tu és o Filho de Deus, que deste a tua vida por mim. Quero seguir-te com fidelidade e deixar-me guiar pela tua palavra. Tu me conheces e me amas. Eu confio em ti e coloco a minha vida inteira nas tuas mãos. Quero que Tu sejas a força que me sustenta, a alegria que jamais me abandona. [...]

Permitam-me que, como Sucessor de Pedro, eu os convide a reforçar esta fé que nos foi transmitida pelos Apóstolos, a colocar Cristo, o Filho de Deus, no centro de suas vidas... e que os lembre de que seguir Jesus na fé é caminhar com Ele na comunhão da Igreja.

Não se pode seguir Jesus sozinho. Quem cede à tentação de ir ‘por conta própria’ ou de viver a fé segundo a mentalidade individualista que predomina na sociedade, corre o risco de nunca encontrar Jesus Cristo, ou de acabar seguindo uma falsa imagem Dele. Ter fé significa apoiar-se na fé dos irmãos e, do mesmo modo, servir de apoio à fé dos outros.

[...] Da amizade com Jesus, nascerá também o estímulo que conduz ao testemunho da fé nos ambientes mais diversos, inclusive onde existe rejeição ou indiferença. Não é possível encontrar Cristo e não fazê-lo conhecer aos outros. Portanto, não guardem Cristo só para si mesmos! Comuniquem aos outros a alegria de sua fé. O mundo precisa do testemunho”.

O tesouro da vida

Desafiam-nos profundamente as propostas exigentes que os nossos Pastores sabem dirigir aos jovens. Aqueles jovens aos quais somos enviadas. Mulheres consagradas e doadas por escolha radical ao Senhor Jesus, nós percebemos com particular força o apelo evangélico e a urgência de empenhar-nos seriamente para dar aos jovens *razões para viver e esperar*. Um caminho é tornar *visível e confiável* nossa escolha fundamental: permanecer com Jesus, o tesouro pelo qual vale a pena “gastar” tudo. Viver a fé adulta e sólida é o empenho de quem colocou com decisão Cristo Jesus no centro da própria existência: só isto nos permite oferecer razões convincentes para viver, não sujeitas à variação das circunstâncias muitas vezes desfavoráveis à fé.

Às vezes são nossos irmãos leigos e leigas que nos lembram o imenso valor do “tesouro” que encontramos

e pelo qual consideramos todo o resto como “lixo”. Um jornalista, Luigi Accattoli, afirma: “Nossa vida é cheia de realizações e de êxitos inesperados. Deus nos enche de surpresas e, a cada surpresa de Deus, devemos reafirmar diariamente o Seu primado em nossa vida, nas novas circunstâncias de nossa vida.

[...] E se esta vida devesse /sofrer um colapso (a saúde, a morte) o primado de Deus deveria resplandecer no próprio colapso, assim como deveríamos saber afirmá-lo quando nos permite agir no mundo com plena energia

Devemos encontrar em cada circunstância o gesto, a escolha ou a palavra que ateste o primado de Deus em nossa vida.

Deixar-lhe espaço para que em cada momento confirme o seu primado de amor”.

Caminhos de conversão

O nosso caminhar às vezes é incerto e difícil, às vezes mais ágil e seguro. Todavia, sempre somos chamadas à “conversão”. O cardeal Carlo Maria Martini à pergunta sobre “quem pode ajudar efetivamente a Igreja hoje”, deu esta resposta: “O Padre Karl Rahner usava com prazer a imagem da brasa que se esconde sob a cinza. Eu vejo na Igreja de hoje tanta cinza sobre as brasas que frequentemente me assalta um sentimento de impotência. Como se pode livrar a brasa da cinza de modo a reacender a chama do amor? Primeiro temos de encontrar esta brasa. Onde estão as pessoas cheias de generosidade como o bom samaritano? Que têm fé como o centurião romano? Que são entusiastas como João Batista? Que ousam o novo como Paulo? Que são fiéis como Maria Madalena?”.

E se fôssemos nós, mulheres consagradas, que nos deixássemos provocar ao ponto de decidir-nos a “sacudir as cinzas e a reavivar o fogo”, a partir de gestos concretos cotidianos que expressem “paixão por Cristo e paixão pela humanidade”?

O verdadeiro desafio da vida consagrada, segundo a atual reflexão evocada também pelo Reitor-Mor Dom Pascual Chávez Villanueva, é substancialmente “restituir Cristo à vida religiosa e a vida religiosa a Cristo”.

Somente Ele é capaz de dar “à pessoa duas certezas fundamentais: a de ter sido infinitamente amada e a de poder amar sem limites” (Testemunhas do Deus vivo, 106). Um amor apaixonado: é o horizonte, a meta do caminho de conversão ao qual nós FMA somos chamadas, desafiadas também pelas linhas do CG XXII. O mesmo Dom Pascual sublinha a necessidade essencial destas certezas, porque “graças a elas a pessoa se liberta progressivamente da necessidade de se colocar no centro de tudo e de possuir o outro, e do medo de doar-se; antes aprende a amar como Jesus Cristo a amou, com aquele amor que

agora é derramado no seu coração e a torna capaz de esquecer-se e de doar-se como fez o seu Senhor”.

Em que condições?

Há condições para a realização deste caminho. A nossa Regra de vida no-las indica como suporte à identidade vocacional, para assumir com responsabilidade serena o projeto que nos deixaram Dom Bosco e Madre Mazzarello. Basicamente é o hábito de vida e de relacionamento com o Senhor Jesus, presente na Palavra e no Pão, numa intensa experiência sacramental centrada na Eucaristia e na Reconciliação, alimento à vida de fé e de pertença à Igreja. O amor à Virgem Maria é o suporte indispensável aos empenhos de consagração.

A oração pessoal e comunitária confere plenitude à relação com o Senhor, permite-nos entrar em intimidade com Ele e se prolonga na relação com as irmãs e os irmãos. A partir do diálogo profundo com

Deus, aprendemos, realmente, a dialogar com os outros. A oração concretiza-se na comunhão em comunidade, para chegar a ser “um só coração e uma só alma” na acolhida, na bondade, no perdão, na capacidade de renovar sempre a alegria de doar-se. E se exprime na missão, com a força da totalidade e do envolvimento atento também na elaboração de programas pastorais adequados.

Dar razões de vida e de esperança. Como? Existe uma condição indispensável.

O Reitor-Mor no-la lembra: ser “um sinal visível e confiável da presença e do amor de Deus (*mística*); constituir uma instância crítica diante de tudo o que possa atentar contra a pessoa humana no que diz respeito ao desígnio de Deus (*profecia*); ser solidários com a humanidade, sobretudo com os mais pobres, necessitados, excluídos e postos de lado (*diaconia*).

gteruggi@cgfma.org



Livres para preferir Deus

“Deus doa a sua graça, mas a doa somente se encontra em nós o livre desejo de possuí-la.

A fé e tudo aquilo que deriva da fé é dom de Deus para um ato de liberdade. Eu penso que ser cristão hoje é aceitar com liberdade a fé tal qual a conhecemos... É aceitar praticamente, a fé que Deus nos propôs como a pessoas capazes de dizer “sim” ou de dizer “não”: isto é, como a pessoas livres. Pessoas que podem escolher Deus, e preferi-Lo a tudo.

Pessoas livres de preferir Deus.

O Deus vivo só pode constituir o todo da nossa vida; tudo em nós pertence vitalmente a Ele, inclusive nossa liberdade. Saber isso ou ignorá-lo, aceitá-lo ou rejeitá-lo, nada muda na imensa realidade da fé.

Crer é aceitar que, em qualquer medida, o amor por Deus fique mais ou menos envolto por nós não num defeito de conhecimento, mas num mistério. [...] Deus não entrará na tua vida, porque Ele já está na tua vida, e fazer como se não estivesse, não o impediria é claro de estar presente.

Não deves temer de te colocares diante Dele junto com aqueles que amas e com aquilo que amas... Penso que devas ficar diante de Deus com todos os desejos mais comuns que tens em teu coração e que – imagina – Ele mesmo inventou”.

(Madeleine Delbrêl, *Indivisibile amore*, 31,34)

Que relação existe entre mim e Ele?

“Quem dizes ser o Filho do homem?”. Repetimos a mesma pergunta também a nós. Eis que o Evangelho se torna premente e urgente às nossas almas: quem nós pensamos ser Jesus?

Quem é Jesus em si mesmo? A mente corre ao catecismo. Sim, lembramos que Jesus é o Filho de Deus feito homem.

Mas nós sabemos bem o que isto significa?

E também: se Jesus é Deus feito homem, as maravilhas das maravilhas, quem ele é para mim?

Que relação existe entre mim e Ele? Devo ocupar-me dele? Eu o encontro no caminho da minha vida? Está ligado ao meu destino?

Não basta. Nós que temos este grandíssimo e dulcíssimo nome a ser repetido para nós mesmos; nós que somos fiéis; nós que acreditamos em Cristo; sabemos bem quem Ele é? Sabemos dizer-lhe uma palavra direta e exata; chamá-lo verdadeiramente pelo nome; chamá-lo de Mestre, Pastor; invocá-lo como luz da alma e repetir-lhe: tu és o Salvador? Isto é, sentir que Ele é necessário, e que sem Ele nada podemos fazer; que é a nossa fortuna, a nossa alegria e felicidade, promessa e esperança; o nosso caminho, verdade e vida?

Conseguiremos dizer-lhe tudo, completamente?

(Dos *Discursos de Paulo VI*, 14 de março de 1965)

dma primeiro plano:
Aprofundamentos bíblicos, educativos e
formativos





Unidos por uma mudança global

Susana Li Tong

Nossa atenção à cultura da comunicação, quanto à sua incidência no mundo juvenil, volta o nosso olhar para as últimas manifestações sociais realizadas nas principais cidades do mundo.

É interessante observar a multiplicidade de pessoas que se reúne, mas, sobretudo a forma, a rapidez e a simultaneidade, com que isso acontece. A Internet e as Redes Sociais despertaram a vontade de participar e de expressar as próprias ideias.

Busca-se uma forma de democracia participativa, na qual os cidadãos, particularmente os jovens, possam associar-se e organizar-se de modo a terem uma influência direta nas decisões públicas.

Em muitas cidades da América Latina, mesmo em uma nação pequena como a Costa Rica, movimentos sociais e de cidadãos solidários não violentos, estão se unindo e se organizando para conchamar uma real democracia. Eles se autodenominam os “*Indignados*”.

O movimento dos *Indignados* reúne as pessoas não satisfeitas com o próprio sistema político, que querem melhores serviços sociais e desejam sentir-se fazendo parte de uma mudança positiva. Porém, atenção, sob este nome, às vezes escondem-se muitos grupos com uma pluralidade de propostas que nem sempre coincidem com o bem comum, por isso é necessário perscrutar a origem deste fenômeno.

As manifestações de protestos pacíficos do povo espanhol iniciadas em Madri no dia 15 de maio de 2011, deram origem ao conhecido movimento 15M. Estas manifestações revelaram como o problema da crise econômica não era um problema sofrido individualmente, mas um problema social e que o povo não estava mais disposto a pagar pelos erros de governos e bancos.

Alguns dados da Universidade de Castilla León demonstravam que os jovens se interessam pela política e que, se bem motivados, participam ativamente sem, contudo se filiarem a um partido específico.

Por meio das assembleias na praça, deram aos cidadãos a possibilidade de uma experiência política única com debates e participação.

Consolidaram as Redes Sociais como espaços de discussão política.

Assim, este movimento, inspirou muitas pessoas que tinham os mesmos sentimentos, em diferentes partes do mundo.

Um texto que convida a meditar

O nome “indignados” inspira-se numa obra de grande popularidade escrita pelo diplomata, escritor e militante político francês Stéphane Frédéric Hessel. Com 95 anos ele é um dos redatores, ainda vivo, da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. O seu livro *Indignai-vos (Indignez-vous!)* é um texto que convida a manifestar-se contra a indiferença e a favor da insurreição pacífica, porque estão em jogo a liberdade e os valores mais importantes da humanidade.

Deste modo, manifestações semelhantes entre 2010 e 2012 – como por exemplo os protestos na Grécia; a mobilização de estudantes no Chile, Colômbia, México; a manifestação de *Occupy Wall Street* em Nova York; as greves na China – exprimem a indignação de muita gente que sente necessidade de compartilhar as mesmas preocupações.

Os valores de uma sociedade moderna

As propostas concretas que se fazem nestas mega-reuniões referem-se aos valores de uma sociedade moderna onde devem existir a igualdade, o progresso, a solidariedade, o livre acesso à cultura, a sustentabilidade ecológica, o desenvolvimento, o bem-estar e a felicidade das pessoas.

Portanto, eliminar os privilégios da classe política, lutar contra o desemprego e as leis da aposentadoria, protestar pelo direito à moradia, controlar a gestão dos serviços públicos, assim como os dos bancos e entidades financeiras, reduzir as despesas militares, modificar os sistemas eleitorais e tutelares a liberdade de cidadania, são elementos comuns em todas as manifestações.

Os valores que promovem o bem comum, a organização civil, o respeito ao meio-ambiente, a não violência, a participação dos jovens, têm dado esperança àquelas pessoas que, em tempos idos, acreditavam que nada se mudaria.

Para aqueles que eventualmente se sentiram solitários num mundo marcado pelo individualismo, chegou o dia no qual se toma consciência de que muita gente “sozinha” pensava do mesmo modo e que todos juntos, eram muitas pessoas.

Esta consciência global foi grandemente favorecida pela difusão das mensagens por meio dos sistemas da informática e da telefonia móvel e mais concretamente por meio das redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter*. Estes instrumentos de comunicação estão favorecendo a agregação de muitos cidadãos.

Sob muitos pontos de vista, aquilo que acontece hoje nas nossas ruas e cidades interpela todos quantos se interessam pela educação, comunicação, sociedade e cultura. Não seria mal olhar para os “indignados” do nosso País e descobrir os vazios, os gritos, as urgências dos homens de hoje; também este é o nosso novo campo de evangelização.

susanalitong@yahoo.e

ALMA E DIREITO



O justo peso das palavras

Rosaria Elefante*

Mil episódios da atualidade, cenários inéditos, colocam questões profundas, complicadas, cujas respostas não se exaurem em secos *sim* ou *não*, e as longas argumentações correm o risco de perder a sequência de ideias ou até mesmo o sentido do objetivo a ser alcançado. E assim na busca afanosa de uma resposta que se oriente “necessariamente” para um “deixar fazer”, acaba por perder-se num labirinto de outras infinitas perguntas que desejarão sempre uma exaustiva e abrangente resposta.

Muitas vezes se fazem leituras de notícias assustadoras, filtradas e apresentadas com palavras que no tempo assumiram novos significados e que por isso, só por isso, são admitidas no séquito da hipocrisia.

Então, conceitos como dignidade, integridade, respeito, pilares intocáveis da civilização e da ética, foram completamente alterados, empobrecidos em seu valor autêntico, para dar espaço a interpretações extremamente subjetivas, talhadas ao próprio uso, plasmadas sobre a onda emocional que consegue abalar o toque de sensibilidade, que ainda é viva em uma sociedade já quase totalmente plagiada. Muitas e muitas vezes princípios jurídicos universalmente reconhecidos, que se traduzem em jurisprudência, são contraditos, quando não, infelizmente, alterados e

dobrados aos interesses econômicos e ideológicos ou a ambos.

A *mistificação* das palavras é precisamente o primeiro passo para transformar com desenvoltura o “bem” em “mal”. Assim a arrogância da justificação a todo custo permite as aberrações mais absurdas. Experimenta-se autêntica indignação por quem abandona filhotes de cachorro à beira da estrada, mas ao mesmo tempo, com extrema leveza, experimenta-se profunda compreensão por quem coloca os próprios pais idosos em “campos de concentração” autorizados. É justificada qualquer ação e comportamento em nome de uma autodeterminação quase sempre horripilante, que prefere a liberdade à dignidade. Parece ser este o tempo dos malabaristas do pensamento

Um olhar leigo

Um tempo no qual uma declaração pessoal sobre uma determinada questão torna-se uma verdade absoluta, a não ser que seja arremessada no seu contrário onde for necessário, acusando quem nos escuta de não ter precedentemente entendido bem. Aconselha-se, deste modo, a abortar um feto mal formado com o pressuposto de que seja “exclusivamente” para o seu bem.

Sustentam-se maus costumes sexuais pretendendo com arrogância não só a compreensão, mas até mesmo a defesa deles.

Enfrentar hoje os temas da atualidade significa, seja como for, enfrentar, problemas candentes, como frequentemente acontece na bioética. Muitos, talvez muitíssimos, falem da poliédrica e interdisciplinar bioética, embora quase ninguém conheça totalmente o seu conteúdo, e muito menos sua terminologia correta, determinando deste modo uma perigosa confusão, que gera equívocos e soluções errôneas.

Vai-se delineando uma espécie de zona franca na qual qualquer um pode dizer tudo e o contrário de tudo. Pode-se aventurar a seu gosto e sua motivação, nobre ou ínfima que seja, sobre qualquer terreno, esquecendo-se de que existem regras, limites e fronteiras, seguramente não geográficas, intransitáveis, como as ligadas ao Homem na sua essência mais profunda.

Um quadro objetivo

Em suma, o olhar que por meio desta rubrica tentaremos dar sobre o que acontece será rigorosamente leigo, prescindindo de qualquer ideologia ou confissão. Rigorosamente jurídico. No entanto, nem por isso, frio ou distante. Na tentativa de fornecer um quadro objetivo da problemática a ser enfrentada sem interpretações fascinantes e mistificadoras, chamando as coisas com o próprio nome e ilustrando aquilo que o direito vigente prevê em

determinadas ocasiões. Não haverá respostas, mas seguramente serão indicados os instrumentos que permitam a cada um saber um pouco mais e de modo objetivo, com a consequente possibilidade de tirar as próprias conclusões.

Na verdade, não será difícil encontrar tais fatos na crônica; aliás, basta pensar no fim da vida, na eutanásia, na *eugenética*, na fecundação assistida, nos matrimônios entre pessoas do mesmo sexo, para citar apenas alguns entre os temas eticamente “sensíveis” que, faz tempo, enchem as páginas dos jornais e as telas da televisão. Filhos que têm, antes de nascer, quatro ou cinco pais: é o caso da fecundação *eterologa* com aluguel de útero. É lícito, além de possível, não alimentar e nutrir um deficiente grave para salvar-lhe a dignidade.

Estes são poucos e simples exemplos, mas emblemáticos. Eis por que razão ocorre – ao menos – tomar consciência dos eventuais cenários e também daqueles mais ou menos prováveis, para afirmar a necessária, a indispensável identificação dos limites para além dos quais não deve mais ser possível avançar. Limites, na realidade, já amplamente, inequivocamente inscritos na essência do Homem enquanto tal.

**Advogada Biojurista, Presidente.
da Associação Nacional Biojuristas Italianos*

rosaria.elefante@virgilio.it

CONSTRUIR A PAZ



Há 50 anos da *Pacem in Terris*

Martha Seide, Julia Arciniegas,

A rubrica, este ano, inspira-se na celebração do 50º aniversário da encíclica *Pacem in Terris* (PT) e da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS).

Pretendemos focalizar algumas das causas pelas quais os conflitos persistem no mundo e propor orientações para um empenho cotidiano de conversão à paz.

Qual é o cenário atual?

A necessidade da paz no mundo, notada por João

XXIII parece não só atual, mas urgente. Vivemos em um cenário contraditório, de violência e de conflitos, não obstante o empenho constante de numerosas associações, organismos, pessoas, em favor da paz. Enquanto cresceu a consciência coletiva contra a guerra, afirmou-se também uma política que a considera como uma ferramenta quase normal para a solução dos conflitos entre os povos (Cf Revista de Teologia Moral 2012, n. 174, p. 185-186). De fato, Ban Ki-moon no recente Fórum sobre a Cultura da Paz, comenta com desalento *que o mundo gasta cotidianamente com armas quase o dobro daquilo que*

a ONU gasta no trabalho de um ano pela paz, os direitos humanos e o desenvolvimento.

É possível construir a paz?

Parece muito significativo que a GS na sua parte conclusiva proponha a *promoção da paz e da comunidade dos povos* como uma tarefa prioritária aos cristãos e a todas as pessoas de boa vontade (cf n. 77-90). Deste modo, o último documento do Vaticano II confirma as intuições proféticas de João XXIII, que se encontrava em absoluto desacordo com aqueles que consideravam a paz impossível. Na sua carta magna, *PT*, ele não se limitou a expor declarações de princípio, mas abriu caminho para objetivos muito concretos.

Depois de haver explicitado que a paz implica o reconhecimento da dignidade de cada pessoa humana e dos seus direitos, declara que a sociedade deve adequar suas estruturas a tais pressupostos. Uma convivência harmônica, ordenada e fecunda fundamenta-se sobre a verdade, é implementada de acordo com a justiça; pede para ser vivificada e integrada pelo amor; exige ser recomposta em liberdade com equilíbrios sempre novos e mais humanos (cf *PT*, 20).

Quatro pilares fundamentais

João XXIII identifica as condições essenciais para a paz em quatro exigências da alma humana, consideradas como os fundamentos da comunidade dos povos e início de uma revolução espiritual.

A verdade - O respeito pela *verdade* nas palavras e nos fatos é condição necessária para a paz, pois dela deriva o entendimento e a união entre as pessoas e entre os grupos humanos.

Viver na verdade requer uma sólida educação e um correspondente empenho por parte de todos para que ela não seja devida a opiniões, mas seja promovida em cada âmbito e prevaleça sobre toda tentativa de relativizar suas exigências ou de ofuscá-las (cf *Dicionário de DSC*, pp. 804-805).

A justiça - A justiça edificará a paz, se cada um concretamente respeitar os direitos e se esforçar para cumprir plenamente os próprios deveres para com os outros. Hoje, a crescente globalização incrementou o valor social da justiça e o seu caráter estrutural, que requer soluções globais em nível social, político e econômico.

Na vida social a justiça encontra-se intimamente ligada à caridade: as duas são indispensáveis ao bem comum e ao desenvolvimento integral das pessoas. Educar para a justiça é hoje uma tarefa de primeira necessidade porquanto apenas em base a este valor evangélico é possível construir a paz.

O amor - A convivência social torna-se tanto mais humana quanto mais o amor se faz presente e regula as relações entre as pessoas. O amor recíproco é, realmente, a ferramenta mais poderosa de transformação e se exprime na solidariedade, princípio basilar da organização social e política da, assim chamada, 'civilização do amor' (cf *Centesimus annus*, 10). O amor será fermento de paz, se a pessoa sentir as necessidades dos outros como próprias e compartilhar com os outros, o que possui, a começar pelos valores do espírito. O amor social se opõe ao egoísmo e ao individualismo (cf *GS*, 38).

A liberdade - A liberdade alimentará a paz e a fará frutificar se, na escolha dos meios para alcançá-la, os indivíduos seguirem a razão e assumirem com coragem a responsabilidade das próprias ações.

A autêntica liberdade rejeita o que contrasta com a plena verdade humana e se manifesta na capacidade de dispor de si em vista do bem autêntico, no horizonte do bem comum universal (cf *PT*, n. 69).

Depois de meio século, as propostas do Magistério social da Igreja tornam-se, para nós FMA e Comunidades Educativas, um desafio que nos leva a reafirmar a validade da educação no estilo do Sistema Preventivo. Só percorrendo este caminho poderemos ser construtores de paz.

mseide@yahoo.com, j.arciniegas@cgfma.

CONTRA

LUZ

Como nossa comunidade exprime o empenho pela paz?

A mais bela resposta que podemos dar é a experiência do nosso cotidiano. A paz é para nós um dom de Deus e uma tarefa do fiel. Por isso, a paz nos empenha a viver as relações interpessoais em harmonia, a adquirir a capacidade de diálogo, de perdão, de reconciliação; e assim resolver positivamente os eventuais conflitos. É precisamente no cotidiano que revestimos de paz os outros valores: o respeito, a solidariedade, a responsabilidade... Além disso, no decálogo dos valores da comunidade educativa, a paz encontra um lugar privilegiado. O bom dia, a catequese, o diálogo pessoal e grupal, a celebração dos sacramentos e, sobretudo, o testemunho dos educadores são os caminhos ordinários para educar-nos e educar à paz. Cria-se assim um clima, um ambiente onde se valoriza e se saboreia a paz, de tal modo que cada pessoa não só assume este valor, mas empenha-se para erradicar a violência nas relações ordinárias, recusar todo atentado contra as pessoas e os povos, e construir a paz no nosso País ferido atualmente por uma forte onda de violência.

(Ir. Maria del Pilar Miranda. Instituto de Valle Arizpe. Saltillo- México)



O perdão

Giuseppina Fortuna

O amor constrói pontes, as mais longas do mundo, e é capaz de unir margens distantes, de superar abismos profundos, de colocar em comunicação pessoas e lugares até então isolados.

Vocês estão estressados? Frustrados por um tempo presente sempre mais vacilante e incerto? Desanimados por um futuro sem pernas e olhos? Irritados com todos: colegas, superiores, irmãs, amigos, políticos? Perdoem! Sim, parece paradoxal, num momento histórico como o que estamos vivendo, mas digo-lhes que um bom remédio para preservar a saúde física e mental é perdoar.

Por perdão entende-se um ato de humanidade e de generosidade que induz à anulação de qualquer desejo de vingança, de revanche, de punição. Por extensão há o valor da indulgência com as fraquezas e as dificuldades dos outros, ou de benevolência (dicionário Devoto Oli). Portanto, o perdão não é senão um gesto que impele à reconciliação mútua, infelizmente, porém, não praticada por todos.

De fato, às vezes evita-se o perdão porque é visto através das lentes do preconceito que o associa à fragilidade e à fraqueza. Assim, em um mundo onde é preciso defender-se e onde o valor da confiança se dilui progressivamente, é necessário ter bem presentes as afrontas sofridas de modo que a raiva e o rancor sirvam de escudo contra o outro. Pensa-se em não diminuir a vigilância e as defesas porque inevitavelmente ficar-se-ia afetado. Portanto, ausência absoluta do perdão, porque neste *quadro* ele assume o significado de imprudência. O perdão, então, permanece um gesto ineficaz para a sobrevivência e cabe apenas aos estultos ou aos puros de coração. Tais pensamentos não fazem senão tornar o perdão sempre mais distante, menos concreto e praticável, além de desviar-nos do seu íntimo valor: o perdão é um poderoso instrumento de libertação.

Cuidar do perdão contra raiva, ódio e estresse

No momento em que a pessoa percebe ter sido injustiçada, o perdão é um escudo que a protege dos

componentes negativos que a envolvem em vários níveis: o emotivo, o cognitivo, o afetivo, o relacional, o físico. Mas, nem sempre estamos em condições de saber e de querer perdoar.

Por outro lado, o perdão é uma escolha, assim como o é a de não perdoar. E como escolher? Comumente procura-se a opção mais vantajosa. Mas, é mais conveniente perdoar ou não perdoar?

Podemos seguramente afirmar que quem não perdoa vive uma condição psicológica afetiva que o leva progressivamente ao isolamento social. Permanece agarrado ao passado, condenando-se a um presente feito de ruminções mentais, afetos extintos, negativismos, que o levam a reviver, como num ciclo que não acaba, o episódio da injustiça. Cada palavra e gesto que faz parte do acontecimento negativo representa-se na mente de modo vívido e cristalino, com uma atemporalidade que faz desaparecer os contornos do “quando” determinando a percepção de que a grosseria fora feita poucos minutos antes, mesmo que tenha acontecido há vários meses ou anos. Então, a pessoa que recusa o perdão, permanece como que trancafiada num filme em que a mesma cena sempre se repete, determinando uma obsessão de pensamento. Pensamento que não permanece ancorado ao fato e à pessoa que o realizou, mas que se estende sobre os outros como uma mancha de óleo. Assim todos são vistos fora de foco através dos óculos deformantes do não perdão e a pessoa que não consegue perdoar acredita-se cercada por seres negativos, nos quais seguramente não é oportuno confiar.

Em vez disso, aquele que escolhe o caminho do perdão interrompe o ciclo do ódio e ancora em novos estilos de relação.

Perdoar, então, faz bem à saúde, traz benefícios físicos porque reduz o risco da somatização seguida de estresse e raiva; benefícios psicológicos porque libera a mente de pensamentos catastróficos e programas de vingança; benefícios relacionais porque leva a pessoa a reencontrar-se com o outro com sinceridade, no conhecimento recíproco, sem ambiguidades.

O perdão como instrumento da relação

Às vezes pensamos: “como posso ser capaz de perdoar o que me foi feito?”. Mas o objeto do nosso

perdão não está ligado à injustiça recebida, mas à pessoa que colocou em ato comportamentos incongruentes com o vínculo de confiança presente na relação. O perdão, então, acontece entre dois sujeitos que estão *em relação* e permite uma reestruturação sistêmica que abarca os três: o eu individual, a percepção do outro e a relação mútua. O perdão, então, tem características de profunda mudança e de redescoberta de alguns ângulos latentes do eu, do outro e dos limites da relação afetiva.

Worthington (2006) distingue, a este respeito, dois tipos de perdão: o perdão da decisão e o perdão do emocional. O primeiro consiste na intenção de relacionar-se com o ofensor como se a ofensa sofrida não tivesse sido feita, não obstante estejam ainda presentes as feridas emotivas, as rumações mentais com fundo raivoso, os pensamentos de vingança e a retaliação. O perdão emocional, em vez, implica uma mudança em nível profundo pela qual as emoções negativas para com o ofensor são substituídas pelos sentimentos de amor e de reconciliação.

O perdão emocional, então, assume uma função transformadora em nível interior, porquanto implica um movimento libertador de peso cognitivo e emotivo e, também, em nível relacional porque comporta a aceitação da própria possibilidade e da possibilidade do outro de cometer erros.

Perdoar-se

A raiva e o rancor são emoções que nem sempre nascem por causa dos elementos externos presentes, mas podem provir de dentro. Como pequenos soldados em guerra, nossos sentimentos e pensamentos podem curar-nos ou roubar-nos o bem-estar. A quem não aconteceu de pensar de não ter sido suficientemente bom no desempenho de um trabalho, de não ser inteligente como o seu amigo, de não ter conseguido atingir um objetivo? Estes pensamentos são familiares a todos e podem apresentar-se diariamente no trabalho social, comunitário e familiar, que preenche as nossas vidas, mas se eles se tornarem prementes e excessivos, se eles se multiplicarem dia por dia invadindo todos os aspectos da existência, então estamos diante de uma condição de desequilíbrio.

Nestes casos a pessoa luta diariamente com uma autocritica implacável que se torna um instrumento de tortura que favorece estados de depressão e/ou leva a assumir comportamentos auto-agressivos.

A insatisfação diante daquilo que se é, da própria aparência, do próprio modo de ser, da própria vida, das escolhas feitas, não gera senão frustração, raiva, ressentimento, desamor para consigo mesmo.

Conseguiremos viver serenamente em companhia de nós mesmos somente quando nos aceitarmos com as qualidades e os defeitos que se tornam características distintivas da nossa personalidade.

Conseguiremos superar a desestima e a falta de afeto somente quando aceitarmos que não somos perfeitos, quando cancelarmos o desejo de sermos melhores que os outros, quando eliminarmos a exigência de sermos apreciados por aquilo que conseguimos realizar e não por aquilo que somos.

Cometer erros é só sintoma de humanidade!

O primeiro passo, então, para se perdoar está ligado à consciência dos próprios pontos fortes e dos limites que não devem ser objetos de julgamento e autoavaliação negativa, mas pontos de partida para empreender um caminho de crescimento pessoal.

O perdão de si deve abranger a integração de representações boas e más de si da mesma forma em que o perdão dos outros inclui as boas e más representações do outro (Gartener, 1992).

As regras de ouro do perdão

Perdoar é uma escolha consciente; não pode ser imposta - O perdão não pode ser reduzido a uma obrigação moral. A visão do perdão como imposição o faz perder seu intrínseco caráter de liberdade. O perdão autêntico é gratuito e espontâneo.

Perdoar não significa esquecer a injustiça sofrida, mas aceitar que o outro possa errar - O perdão não é dobrar-se ao inimigo e submeter-se aos seus defeitos, mas ter consciência de que o outro, enquanto ser humano, é capaz de fazer escolhas erradas que causam sofrimento aos outros.

Perdoar não é um ato singular, isolado e casual, mas um caminho para a libertação - O perdão não pode ser um comportamento ocasional e imediato, mas um movimento interior que envolve a pessoa em vários níveis: cognitivo, emotivo, afetivo e relacional. Este seu caráter processual implica um tempo pessoal de reflexão que predispõe à escolha do ato de perdoar. Frequentemente, o perdão que acontece sob formas de impulsividade, sugere a ausência de uma real transformação em nível emotivo e isto se torna sinal de inautenticidade.

Perdoar não é um ato de fraqueza, mas o triunfo da força e da vitalidade - O perdão autêntico não deve ser julgado como ausência de dignidade, como uma atitude de passividade diante do outro e um dobrar-se sobre si mesmo. Em vez disso, é a mais importante escolha de amor a nós mesmos. Onde não há o perdão prosperam a raiva, o rancor e o ódio, que se apossam da mente e da alma humana, que ficará privada do equilíbrio, da serenidade e do amor. *Perdão é Vida!*

giusyfortuna@gmail.com



IDE E FAZEI DISCÍPULOS TODOS OS POVOS

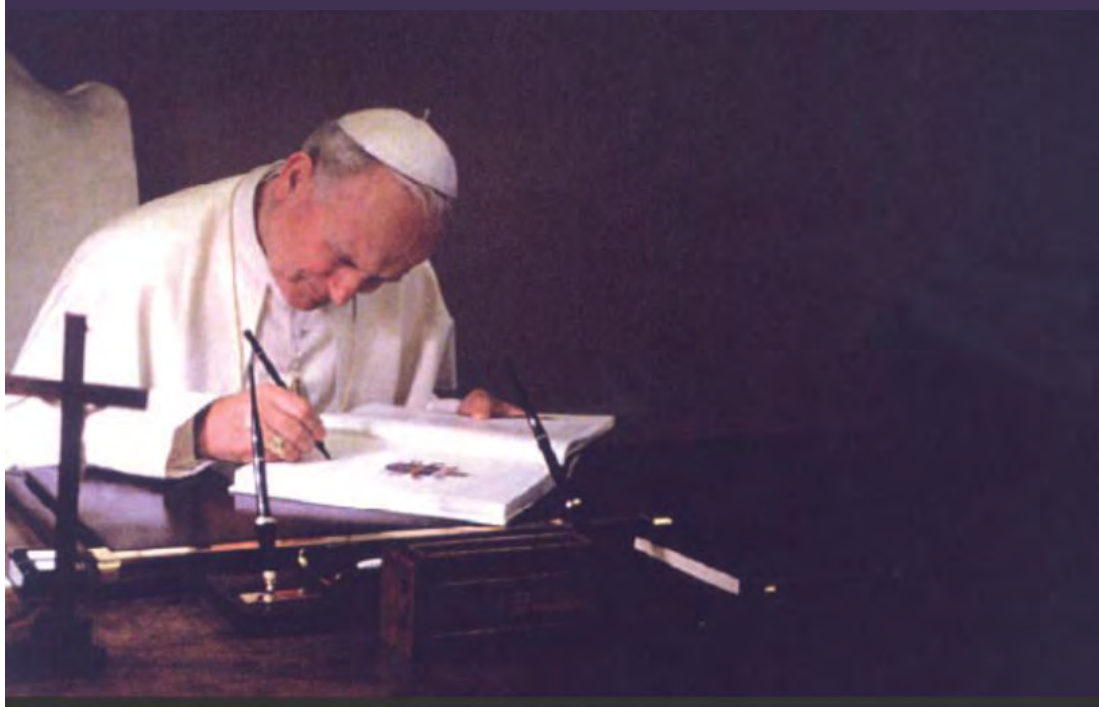
MT 28, 19





A CRUZ DE CRISTO!
LEVAI-A COMO UM SÍMBOLO DO AMOR DE JESUS
PELA HUMANIDADE.

JOÃO PAULO II



**DEIXAI-VOS ATRAIR POR ELE!
VIVEI ESTA EXPERIÊNCIA DE ENCONTRO COM
CRISTO! DEIXAI-VOS AMAR POR ELE E SEREIS
AS TESTEMUNHAS DAS QUAIS O MUNDO TEM
NECESSIDADE.**

BENTO XVI



dma em busca:

*Leitura evangélica dos fatos
contemporâneos*





As virtudes: um retorno ao antigo?

Por Mara Borsi

Com os artigos desta rubrica queremos abordar um tema que alguns estudiosos contemporâneos, crentes e não crentes, propõem reexplorar neste tempo difícil. Desenvolvimento tecnológico e ceticismo para com a natureza humana orientam à procura de novos estilos de vida e mais ética pública compartilhada.

Revistas, livros, ensaios, neste último período, invocam um retorno às virtudes, depois de muito tempo de silêncio. Um retorno que para muitos é sinônimo de saída da atual crise de civilização.

De fato, a vida das pessoas não se esgota nos conhecimentos, nas habilidades e nas competências.

Os frutos do modelo liberal em que se reproduzem e incorporam o comportamento social no setor privado e institucional geral estão diante dos nossos olhos em todos os contextos nos quais nos encontramos para trabalhar.

O desperdício e a dissipação pública são mutuados e aplicados pelos indivíduos, a negligência e a indiferença se tornam, em muitos casos, o traço distintivo de cada comportamento; a falta de escrúpulos e o controle são as marcas do *status* de quem pode desprezar os outros.

A fortaleza é a coragem de buscar o que é bom para si e para os outros e de realizá-lo apesar de tudo.

É a coragem de resistir àquilo que todos fazem, à moda, às enquetes, à maioria.

A fortaleza é a capacidade de lutar, mesmo sozinho, pelo bem de todos, até mesmo dos que te deixam sozinho.

Tonino Lasconi

A identidade afirma-se não mais por meio da humanidade, da cultura, da capacidade de escutar e de se encarregar dos problemas e das dificuldades do vizinho mais frágil, mas por meio do exercício de um poder dado pela função ou pela posse.

Cada um se encerra no seu pequeno mundo, no próprio ambiente privado e acaba por desinteressar-se por aquilo que o circunda e que não interage diretamente com seus interesses e suas necessidades. E então as grandes questões, os grandes problemas que afligem a humanidade: a fome, a pobreza, a dor, o sofrimento tornam-se insignificantes. Todavia entre estas deteriorações aparentemente gerais se descortinam os novos sinais de uma diversificada busca de sentido entre as gerações mais jovens, que paulatinamente se fazem sempre mais fortes e mais interessadas. Não se pode ensinar as virtudes, mas pode-se educar para elas na vida, na realidade cotidiana. As virtudes podem contagiar por meio dos comportamentos e dos estilos de vida que as testemunhem e suscitem.

mara@cgfma.org



As virtudes em prática:

A fortaleza

A cada gesto, também àquele que pode parecer insignificante, mas que seja como for exige um esforço, é confiada o exercício da fortaleza, que cresce precisamente graças ao empenho de cada dia.

Em julho passado (2012) fiz uma experiência de voluntariado com os jovens do MJS-Itália em uma zona da Emilia Romagna atingida pelo terremoto (em Morelli e Crevalcore).

Foi um período importante e significativo, compartilhei a vida com muitas pessoas de diferentes idades que devido ao terremoto sofreram graves perdas materiais e humanas.

Igrejas, escolas, edifícios públicos, fábricas, casas foram, na maioria, destruídas ou danificadas. Vivendo com estas pessoas dia por dia percebi sua capacidade de enfrentar com fortaleza e confiança, apesar de tudo, esta dura prova da vida.

Mais uma vez percebi que na experiência de proximidade com aqueles que sofrem é muito mais o que se recebe do que o que se dá.

Tocou-me muito ver como pessoas tão sofridas foram capazes de permanecer fortes e firmes na esperança e na confiança em Deus.

Eu ouvi muitos deles afirmarem: “Deus permitiu esta prova e nos pediu para viver com mais veracidade a união e a solidariedade”.

Nesta minha experiência toquei com as mãos a fé em Deus de muitas pessoas e, portanto, sua sincera disponibilidade à Vontade de Deus.

Passaram-se os dias, as semanas e pouco a pouco as pessoas ao meu redor começaram a viver com alegria.

A fonte desta alegria: a certeza de que Deus é o tesouro da vida que dá força em cada circunstância, também naquela mais difícil. Eu as vi viver na prática a atitude de Jó: “O Senhor nos deu, o Senhor nos tirou, bendito seja o nome do Senhor”.

Esta experiência falou de modo significativo à minha vida.

Nela reconheci a voz do Senhor que me convida a crescer na fé, na confiança, a me abandonar em suas mãos, certa de que é Ele a fonte daquela força que permite enfrentar cada provação da vida.

*Experiência de Ir. Estéfana
Maria Serrano Cruz – México (MME)*



PASTORALMENTE



Um modelo pastoral para evangelizar

Mara Borsi

Neste tempo de crise, de dificuldades na comunicação da fé às novas gerações é fácil sentir-se inadequados, hesitantes. Muitos se perguntam: mas temos um modelo de pastoral adequado aos dias de hoje?

São muitos hoje os que reconhecem que no atual momento histórico parece ser urgente priorizar a formação das/dos educadores. Tal escolha é a chave para enfrentar a complexa e fragmentada cultura de hoje, em contínua evolução. Os adultos são interpelados como comunidade, sobretudo, como presença educativa que ajuda o jovem a tomar

o caminho que conduz à maturidade humana e cristã, e a identificar na trama da vida cotidiana a própria vocação.

A partir da *Linhas Orientadoras* a Pastoral Juvenil se apresenta como a realização da missão educativa do Instituto, segundo o estilo típico das FMA que consiste em promover o crescimento integral da pessoa. Trata-se de uma práxis que relaciona as ações educativas e as ações evangelizadoras, porquanto é Cristo a referência fundamental na construção da personalidade e no discernimento dos valores humanos e culturais do ambiente. Alcança as novas gerações lá onde estão e realiza a pastoral da presença envolvendo os mesmos jovens. Este modelo é oferecido a todos os membros da comunidade educativa: jovens, leigos e leigas, educadores, pais, comunidades FMA. (Cf Âmbito da Pastoral Juvenil, *A Pastoral juvenil FMA: um modelo orgânico em favor da Vida em abundância para todos, segundo as Linhas orientadoras da missão educativa*. Roma, 18.7.2011).

Pastoral inculturada

A Pastoral Juvenil FMA é uma práxis inculturada que tem como pano de fundo o contexto multicultural e multirreligioso e propõe a presença educativa em todos os ambientes por meio de uma leitura crítica do mundo juvenil. O objetivo é conduzir ao encontro com Jesus, de modo que as jovens e os jovens amadureçam progressivamente sua confissão de fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo. O fundamento teológico-pastoral é o princípio cristocêntrico da Encarnação em relação com a teologia trinitária.

A Pastoral Juvenil tem uma lógica educativo-preventiva que atualiza o Sistema Preventivo segundo quatro perspectivas pedagógicas: a cultural, a evangelizadora, a social, a comunicativa. No centro está a pessoa em crescimento, para que tenha vida em abundância e amadureça em todas as dimensões que a constituem, visa, porém, a uma formação integral.

O primado da evangelização

As *Linhas orientadoras* reconfirmam o primado da dimensão evangelizadora, escolha já feita pelo *Projeto de Pastoral Juvenil Unitária* (1985). Tal escolha comporta anunciar mais explicitamente Cristo, sem negligenciar o diálogo com as outras religiões, acompanhar as novas gerações por um caminho de fé, orientar à vivência de experiências que eduquem a um estilo evangélico de vida, sugerir critérios que interpretem o que se vive e deem oportunidade de crescer no amor, no dom de si mesmos, na interioridade, na oração, na celebração da Palavra e dos Sacramentos, na experiência do mistério pascal, à escola de Maria, educadora e companheira de viagem.

A apresentação de Jesus testemunha de relações autênticas é a chave do atual modelo de pastoral e o torna pertinente na situação sociocultural em que nos encontramos. A humanidade de Jesus é a referência de cada relação interpessoal. De fato, Nele fulguram relações ricas de interioridade, reciprocidade e proximidade que bebem nas fontes da sua filiação divina.

Um modelo orgânico aberto ao futuro

É uma pastoral orgânica, vocacional e missionária que requer a elaboração de itinerários educativos que tendam a formar nas/nos jovens atitudes e disposições para escolher e agir segundo a lógica evangélica. Privilegia as vias metodológicas da experiência na vivência de cada dia, lugar de encontro com Deus, na vivência do grupo onde se faz a experiência de abertura às relações e ao trabalho em conjunto, na vivência da qualidade do método. O sujeito da Pastoral Juvenil FMA é uma comunidade educativa com um núcleo animador responsável pelo anúncio explícito de Jesus e pela garantia da identidade cristã e salesiana do ambiente educativo. A Pastoral Juvenil é essencialmente comunitária e é expressão da missão eclesial. A comunidade educativa interpõe-se conciliando a realidade da Igreja comunhão e a vivência da pedagogia salesiana da alegria, cuja fonte é o encontro com Jesus.

A Pastoral Juvenil atua com mentalidade projetual que orienta o caminho do Instituto por meio de 5 estratégias: *formar-se e trabalhar juntos leigos e religiosas*; cuidado com o *acompanhamento dos jovens*, animação do *Movimento Juvenil Salesiano*, do Voluntariado e contínuo compromisso de Coordenação para a comunhão.

A Pastoral Juvenil FMA se exprime numa pluralidade de ambientes e de obras inovadoras de acordo com os critérios inspirados no Sistema Preventivo: a confiança nos jovens; a opção preferencial pelos mais pobres; pelos jovens e pelas jovens vocacionados; pela jovem mulher; o espírito de família; a paixão educativa; a assistência-presença salesiana; os adultos e jovens em reciprocidade; o projeto de educação integral; o valor educativo do grupo; a concretude dos percursos metodológicos; a abertura ao contexto eclesial e social.

Permanece o desafio da contínua assimilação e tradução operativa do modelo pastoral, isto é, é importante elaborar uma estratégia formativa que permita às novas gerações de educadores e educadoras que se sucedem, não perderem o fio da memória e da experiência para poder adequadamente propor uma novidade na continuidade dos processos.

mara@cgfma.org



Às origens do Movimento Juvenil Salesiano

Cecília Poblete

Um movimento de jovens para os jovens que vivem e põem em prática o Carisma salesiano. Sua voz, seus relatos, suas experiências de vida, serão acolhidas nesta rubrica que mostrará o seu rosto internacional.

Nos anos 70, por um dom do Espírito Santo e para responder a algumas necessidades que emergiam no contexto sociocultural do Chile, nasce a necessidade de um serviço pastoral para as/os meninos e as/os jovens mais pobres da cidade de Santiago.

As Filhas de Maria Auxiliadora e os Salesianos de Dom Bosco, movidos pela paixão do *Da mihi animas, realizaram* naqueles anos a primeira colônia de verão “Villa Feliz”. Uma experiência vivida em comunhão entre fma e sdb, que tinha como protagonistas os alunos das escolas de Santiago que se punham à disposição para prestar serviço às crianças e aos jovens de Macul. Esta foi a primeira semente lançada, que brotou, fez nascer uma grande árvore que estendeu seus ramos por todos os Países e permitiu iniciar esta experiência juvenil de animação leiga. O dia 6 de abril de 1974 é uma data que é lembrada com gratidão, porque é o dia em que se deu início ao Movimento Juvenil Salesiano (MJS). Durante a celebração Eucarística, 40 jovens do Ensino Médio (de 15 a 18 anos), assumiram o compromisso de viver sua juventude como vocação com estilo juvenil salesiano.

Em 1988, o MJS tornou-se fonte de inspiração em nível mundial. A pequena semente, havia se estendido para além das fronteiras nacionais chilenas. Abaixo está o relato do testemunho de dois jovens chilenos protagonistas desta história.

Valentina De la Fuente

Quando uma criança começa a fazer parte de uma comunidade educativa das Filhas de Maria Auxiliadora, pensa estar num colégio religioso, num espaço restrito onde apenas se reza o dia inteiro. Eu pensava assim, mas depois crescendo percebi que não era um simples colégio, mas um lugar onde se vivia a alegria e o serviço aos outros, um lugar onde se sentia fortemente a presença de uma espiritualidade que tornava

diferentes todos e todas. Aos 14 anos inscrevi-me na *Jusam* (Juventude Salesiana Missionária), um dos grupos do MJS. Entusiasmava-me ao ver os animadores sempre alegres e compartilhando o que Dom Bosco dissera a Domingos Sávio, “façamos consistir a santidade em estar sempre alegres”. Participar da pastoral do meu colégio ajudou-me a fazer da minha adolescência (este período tão instável da vida) uma instância alegre, deu-me a possibilidade de me conhecer a mim mesma, aprender a conhecer os outros e respeitar as diferenças. Comecei a conhecer outras realidades muito diferentes da minha, a ajudar, com salesianidade, os que precisavam de mim. Aprendi a me amar do jeito que sou e a perceber as coisas boas que Deus faz em mim e para mim. Os anos se passaram e eu me tornei animadora de uma comunidade podendo transmitir a outros jovens o que havia aprendido. É difícil explicar em poucas palavras tudo o que se vive, porém as experiências vividas no Movimento Juvenil Salesiano, os passeios, os retiros, os acampamentos foram tempos de alegria e satisfação. Para mim o significado do MJS é muito claro: estar sempre em movimento, em dinamismo, atentos às necessidades dos outros, ser jovens não só pela idade, mas por uma atitude do coração que permanece alegre, viver em profundidade a espiritualidade salesiana, que é a marca que Dom Bosco e Madre Mazzarello deixaram em cada um de nós. Creio que fazer parte do MJS foi a melhor experiência de minha vida. Ela me acompanhará para sempre e me ajudará a viver na sociedade como boa cristã e honesta cidadã.

Ximena Alarcón Galaz

Foi por intermédio do Movimento Juvenil Salesiano, que eu me aproximei do Senhor. Lembro-me de que nos meus primeiros anos de participação, propus-me a viver segundo o espírito das Bem-aventuranças, porque davam sentido a todo o evangelho. Crescendo no cuidado com os outros escolhi como slogan da minha vida “ser sal da terra e luz do mundo”. O que nem sempre é fácil porquanto ser testemunhas de Jesus pode às vezes ser uma missão difícil. Em todo este caminho de crescimento, o serviço ao próximo ocupou um lugar importante e foi um grande desafio.

Nestas atividades descobri o Senhor presente nas crianças e nos jovens. Fazer parte do Movimento Juvenil Salesiano confere uma marca na própria vida, define uma forma de entender o mundo, de viver nele. Fazer parte do Movimento, é também identificar-se

com Maria Auxiliadora. É senti-la viva e presente na minha história, na minha família. Hoje no meu trabalho, ponho em prática os valores salesianos que aprendi, porquanto é um estilo de vida que me permite continuar a ser *sal da terra e luz do mundo*.



EM DIÁLOGO



Entrevista com Ir. Iracema Schoeps e Ir. Elisa Molinari

Anna Rita Cristaino

Ir. Iracema, 78 anos, 52 de profissão, há 40 anos trabalha nas comunidades inseridas agora está em Diadema, São Paulo (Brasil). Ir. Elisa, 35 anos, 4 de profissão, estuda Ciências Religiosas, mora em Melzo, Milão (Itália), onde ensina religião.

A urgência de anunciar Jesus, de que modo interpela a sua vida?

Ir. Iracema - “Mestre, onde moras? Vinde e vede”. Para mim é importante descobrir Jesus que vive nos pobres e uma vez descoberto, compartilhar com eles a vida. Jesus de Nazaré continua a encarnar-se nas situações de sofrimento: nas mulheres e jovens vítimas

do sexualismo, da exploração, das formas de violência, da desigualdade e da injustiça. Isto nos interpela a ir ao encontro do outro, assim como Jesus, assumindo a sua realidade, deixando-se tocar, emocionar e transformar.

Ir. Elisa - Diante dos jovens do 1º ano do Ensino Médio penso: “Como seria maravilhoso se eles vissem Jesus como uma Pessoa viva e presente em suas vidas!” E assim eu os convido a me fazerem perguntas. Gosto de confrontar-me com os alunos, os professores, os colegas estudantes, com os amigos, com os

funcionários, e perceber por trás dos relatos, as dúvidas e as perguntas, a busca sincera de sentido. “*Eu te conhecia por ouvir dizer, mas agora os meus olhos te veem*” (Jó 42, 5): é, no fundo, o seu desejo de sair do “ouvi dizer”, da retórica e do preconceito, para fazer propriamente a experiência de Jesus.

Quais caminhos assumir comunitariamente para testemunhar com a vida o evangelho?

Ir. Iracema - Uma escuta sapiencial e de fé da realidade, na experiência cotidiana de Deus por um exercício concreto de oração e de vida em comum, no amor recíproco. Caminhos de animação e de acompanhamento recíproco com corresponsabilidade. Projetos de vida construídos comunitariamente a partir do Carisma Salesiano e da realidade em que estamos inseridos. Deixar a própria casa sempre aberta aos pobres, construir relações fraternas com todos, sobretudo com as mulheres e jovens e com quem é diferente por raça, cultura e etnia, credo religioso, etc.

Ir. Elisa - “O que você vai fazer em Melzo?” perguntaram-me alguns amigos do MJS e, antes de responder um deles diz: “Vai ser FMA!”. Penso que o anúncio mais veraz, entre nós e ao povo, consiste simplesmente em *ser presença*, aquela presença que diariamente se nutre de um Alimento que confere valor e significado ao “fazer”. Num tempo em que vigora a autorreferência facilmente mutável em solidão, creio que deveremos antes de tudo redescobrir-nos “*insieme*” como irmãs na corresponsabilidade que nos leva à ajuda mútua, a compensar as faltas alheias, a nos sentir fazendo parte ativa e indispensável de uma família.

dma comunicar:
informações, notícias e novidades
do mundo da mídia



FAZER PARA DIZER



Comunicação e identidade carismática

Maria Antonia Chinello e Patrizia Bertagnini

“Faz-se” para “dizer”: um jogo de palavras para dar consistência ao testemunho do nosso fazer, porque o nosso “agir” sempre “diz” alguma coisa. Queira-se ou não.

Um dom que tem raízes profundas

«Na sua admirável providência Deus deu a Dom Bosco um coração grande como as areias do mar e o fez Pai e Mestre de uma multidão de jovens.

Com um único desígnio de graça suscitou a mesma experiência de caridade apostólica em Santa Maria

Domingas Mazzarello, envolvendo-a de modo singular na fundação do Instituto».

O artigo 2 das Constituições ajuda-nos a nos introduzir no tema que será o fio condutor da rubrica no período de um ano da *Revista DMA: a Nova Evangelização*.

Pretendemos fazer a releitura do nosso ser educadoras na ótica da comunicação e da nova evangelização. Evangelização e comunicação podem ser entendidas como lentes para reler e repropor a educação hoje, aos nossos contemporâneos.

A educação é “coisa do coração”

Isto marca a nossa ação educacional. A educação é “coisa” do coração, somente Deus é dono dos corações: aos educadores e às educadoras cabe (apenas) a tarefa de dar-lhes uma mão para que se abram ao Senhor.

Poderíamos também dizer que a educação é “coisa” da comunicação: em cada jovem há um ponto acessível ao bem e o percurso para descobri-lo e fazê-lo crescer é confiado a palavras e silêncios, gestos e esperas, instrumentos e saberes, tradições e inovações, atitudes e valores. Mas não só. Para Dom Bosco, «o mundo tornou-se material e deve-se dar a conhecer o bem que se faz».

Somos filhas de sonhadores e de comunicadores. Dom Bosco e Maria Domingas desdobram em sua existência dois estilos inconfundíveis de comunicação: gestos e olhares, pessoa e comunidade, liderança e equipe, música e teatro, banda e passeios, pátio e igreja, país e mundo, cartas e imprensa, maquinários e notas, livros e agulha e linha, trabalho e escola.

Valdocco e Mornese dão vida à comunidade pelo “sistema aberto”, onde jovens e salesianos, meninas e Filhas de Maria Auxiliadora, formam-se e amadurecem em um clima que é sinônimo de acolhida e de participação, de relação e de comunicação. Serão propriamente os jovens e as jovens que continuarão e completarão o desenho esboçado pelos fundadores, que passarão o testemunho a gerações e gerações de irmãos e irmãs que, no mundo, ainda hoje traduzem, inculturam e atualizam o carisma.

Aprender a língua dos homens

É a sugestão de Maria Domingas. Lemos em suas cartas: *aprender a língua dos homens para não esquecer a de Deus*. Somos uma “rede de mulheres” e “mulheres em rede” que envolve o mundo em seus continentes, em suas línguas e cores, em suas culturas e tradições, em suas transformações e rápida inovação.

Nas várias fases da sua história, o Instituto tem procurado formar mulheres capazes de intervir nos contextos socioculturais, capazes de interpretar os

“sinais dos tempos”, as dinâmicas e os processos nem sempre compartilháveis pelas sociedades e pelas culturas nas quais se inserem e vivem as nossas presenças educativas, de fornecer as chaves para enfrentar o “público” e habitar os múltiplos “públicos” com discernimento e coragem.

Evangelizar é comunicar

O anúncio do Evangelho é sempre desafio cultural. A Igreja, nascida do evento comunicativo do Filho, o Verbo encarnado, habita entre os homens e – na força do Espírito e da escuta da Palavra do Pai – envia testemunhos entre os povos. O desafio é «dizer Deus» aos homens e às mulheres nas formas comunicativas da sociedade humana ligadas à história e ao tempo, formas contingentes que não penalizam a missão da Igreja, antes oferecem novas oportunidades para «chegar aos confins do mundo».

É uma tarefa que nos envolve, não só como Igreja mas como educadoras dos jovens. A Mensagem final do Sínodo dos Bispos, há pouco tempo realizado, diz que «os novos cenários sociais e culturais nos chamam a algo de novo: a viver de modo renovado nossa experiência comunitária de fé e o anúncio, mediante uma evangelização “nova no seu ardor, nos seus métodos, nas suas expressões” [...] para favorecer um novo encontro com o Senhor, que enche nossa existência de significado profundo e de paz; para favorecer a redescoberta da fé, fonte de graça, que traz alegria e esperança à vida pessoal e social».

Então, ser educadora é ser comunicadora o que equivale a ser evangelizadora. Não existem dicotomias. Se Maria Domingas percebeu que, além de abraçar as casas de Mornese, era importante educar o olhar aos contornos de colinas mais distantes e que, depois de ter enviado para o exterior as primeiras missionárias, aprendeu a escrever para encurtar as distâncias, que passos devemos dar hoje, pessoalmente e como comunidade, para discernir as modalidades com as quais colocar-nos no mundo, para interceptar o coração dos jovens e abri-los à força criadora de Deus, para escutar e falar a língua dos meninos e das meninas?

Nossa missão é tal que não podemos desconsiderar a mudança dos modelos antropológicos e pedagógicos, as dinâmicas que orientam novas representações sociais, novas identidades e novas relações, novas buscas de sentido e de significado, novas respostas para o presente e o futuro em nós e em quem vive ao nosso lado. É lamentável não ter mais nada a dizer, porque «o sal perdeu o seu sabor e a lâmpada não ilumina mais».

mac@cgfma.org, suorpa@gmail.com



Mulheres e Nova Evangelização

Bernadette Sangma, Paola Pignatelli



A brisa do Sínodo

No dia 28 de outubro de 2012, enquanto em Roma se realizava a Missa de encerramento do Sínodo sobre a Nova Evangelização, sentia-se o sopro do espírito do Sínodo também numa pequena igreja de Nairobi. É a capela Flora das Irmãs da Consolata. No momento da homilia, o Pe. Jean Marie, que está presidindo a Missa envolve os fiéis presentes convidando pelo menos três pessoas a compartilharem um momento de sua vida no qual enfrentaram grandes dificuldades e sentiram a forte presença de Deus. Não obstante o insistente pedido, feito tanto aos homens como às mulheres, a resposta veio apenas das mulheres.

As partilhas são autênticos testemunhos que relatam o modo como estas mulheres encontraram e viveram Deus nos meandros da vida cotidiana e se mantiveram agarradas a Ele para encontrar força e coragem. A narrativa de cada uma delas é a melhor homilia porque tecida pela fé, sem compromissos. Relatamos dois testemunhos.

Vida para além da riqueza (...antes de tudo a VIDA!)

É a partilha de Mary: uma mulher altamente qualificada no âmbito do empreendedorismo. Até há pouco tempo vivia em Atlanta, nos Estados Unidos. Tinha casa, carro... uma vida cômoda. Em seguida chega o amor de um médico abastado; parecia-lhe haver tocado o ápice do sucesso: trabalho, estudo e um homem abastado num País rico! Começou a namorar. Depois de uma breve convivência, Mary fica grávida e a fortuna mudou de rumo: o namorado não gostou da notícia. Mary encontra-se diante de duas escolhas inconciliáveis: abortar e continuar com ele, ou levar adiante a gravidez renunciando à relação. Mary conta que foi a uma Igreja, chorou e suplicou ao Senhor perguntando-lhe por que não podia ter tudo, isto é, manter a relação e a riqueza que aquele homem podia oferecer-lhe, e ser mãe. Conta que, saindo da Igreja, o seu coração havia decididamente se concentrado na criatura que trazia dentro de si.

Ao mesmo tempo, ela estava levando adiante o seu estudo para conseguir a licenciatura em Administração. Os próprios companheiros e companheiras de escola a estimulavam a abortar, com a desculpa de que ficaria pesado para ele levar adiante contemporaneamente estudo e gravidez. Mary, porém, já havia feito a sua escolha. Conta que terminou os estudos com ótimas notas; além disso, já com gravidez avançada, diz ter assumido a direção de uma empresa: fato quase milagroso, dada a sua iminente maternidade.

Mary hoje é uma “mãe solteira”: no contexto dos Estados Unidos um papel nada fácil a ser sustentado. Decidiu então voltar ao Quênia onde encontrou um excelente trabalho em uma empresa bancária, antes mesmo de lá chegar. Enquanto faz o relato, sua sorridente e vivaz menina (de 5 anos) está no primeiro banco da igreja, confirmando o milagre de sua vida, que continua a desabrochar graças ao profundo, corajoso e irrenunciável amor de sua mãe!

O Deus que salva

É a experiência de Lucy durante o seu primeiro mês de trabalho como secretária em uma empresa. Certo dia recebe uma carta com um cheque de 100.000 xelins que entrega a um colega pensando que fosse o destinatário da cota. No dia seguinte, uma das oficiais aproxima-se para pedir-lhe o cheque. Lucy a leva até o colega ao qual o havia dado. Com grande surpresa sua, ele nega e declara jamais ter recebido dela o cheque. Naquela tarde Lucy sai do trabalho perturbada e angustiada. Sabe que está em período de prova no trabalho, e o que aconteceu, com certeza, contribuirá para a perda desta oportunidade.

Conta que rezou a Deus pedindo luzes, assistência, conforto.

No dia seguinte, Lucy passa por todos os escritórios da empresa perguntando aos colegas e às colegas se haviam encontrado um cheque, mas sem nenhum resultado. Quanto mais a situação se agrava mais ela reza. Certa noite faz sua oração, decide procurar

o chefe da empresa no dia seguinte e pedir-lhe para subtrair uma parcela do seu salário mensal até que ficasse completamente pago o equivalente ao cheque. No dia seguinte, assim que entrou no escritório foi cercada pelos colegas que lhe deram a notícia: o cheque fora encontrado exatamente pela pessoa à qual ela o havia dado. Lucy desata em prantos. Sente que Deus jorrou luz sobre a sua integridade, e sua fé não a desiludiu!

Evangelizadoras como a Samaritana

O Sínodo nos deu a Samaritana, o ícone feminino do qual obter inspiração como povo de Deus. Uma escolha paradigmática de como as mulheres podem

contribuir na gestão da Nova Evangelização. De fato, a mensagem final concentra-se na família como o “lugar natural da evangelização” e evidencia o papel especial das mulheres. Como a Samaritana, somos convidadas a revigorar-nos ao sol ardente do meio-dia da nossa história de fragilidades rumo ao encontro surpreendente com Jesus que se revela, nos purifica, nos transforma e nos envia.

Com Mary, Lucy e tantas outras mulheres, estamos nas estradas do mundo como a Samaritana para dizer Deus e gerar vida!

paolapignatelli@hotmail.com
sangmabs@gmail.com

vídeo



O Senhor Lazhar de Philippe Falardeau, Canadá, 2011

Mariolina Perentaler



“De Rotterdam a Toronto, até Locarno candidato ao Oscar de melhor filme estrangeiro: chovem prêmios e reconhecimentos sobre *O Senhor Lazhar*, 4ª longa metragem do canadense Philippe Falardeau”. Uma autêntica joia educativo/cultural. «É uma história de crescimento difícil, mas de grande delicadeza, sem ingenuidades e nem fáceis atalhos que tocam e comovem” – escreve Mauro Donzelli. Seu protagonista é Bachir Lazhar, imigrado da Argélia para Montreal, que um dia se apresenta para o encargo de professor substituto numa classe agitada devido ao desaparecimento macabro e

improviso da professora. E não é por acaso que – para obter aquele posto – literalmente arranja documentos falsos: no seu passado também há um luto terrível com o qual não é capaz de lidar sozinho. Apesar da diferença cultural que o separa dos novos alunos, Bachir aprende a amá-los e a fazer-se amar: eis a estratégia vencedora. Será capaz de transformar o ano escolar em uma tocante e magistral ‘elaboração comum da dor e da perda’, precisamente por meio da descoberta do valor dos vínculos e do encontro: a verdadeira escola. Um mestre de vida, capaz de falar ao coração e ao cérebro.

“Bachir Lazhar” (título original do filme que foi lançado em Locarno) era muito esperado porque no Canadá a peça teatral de Evelyne de la Chenelière, da qual é extraído, obteve um sucesso esmagador. Foi inevitável, portanto, de certa forma, a chegada da versão cinematográfica. O filme começa com um fato improvável e esmagador: o suicídio de uma professora da escola elementar que, durante o recreio, se prende ao teto da própria classe. A perturbação pela sua morte envolve colegas e alunos, mas afeta, sobretudo as únicas duas crianças que viram com os próprios olhos o cadáver da mulher, dependurado. São Alice (Sophie Nélisse), uma menina de inteligência brilhante e espírito crítico agudo, e Simon (Emilien Néron), que se esforça para reprimir um sofrido senso de culpa, por trás de um aparente cinismo. A chegada do novo professor, um imigrado argelino à espera “secreta” do status de refugiado político, com um dramático passado pesando-lhe às costas, permitirá aos alunos encontrar alguém disposto a escutá-los: um

“mestre de vida” que, não obstante as rígidas restrições da escola e as reclamações de alguns pais oferecerá às crianças a oportunidade de se libertarem e crescerem, exprimindo o próprio estado de ânimo a respeito deste drama da morte: uma morte desejada pela sua professora. “O Senhor Lazhar” (e o som do nome não é aleatório: no Evangelho Lázaro é aquele que ressurge do túmulo vencendo a morte) descreve precisamente este complexo percurso de elaboração e renascimento a partir de um luto pesado sobre crianças de doze anos, completamente despreparadas para enfrentar a injustiça e a violência, contidas num gesto como este.

A competente direção sustentada por um roteiro inteligente e agradável consegue mesclar sabiamente a intensidade dos argumentos com um tom suave e iluminado: desenvolve-se em uma história simples, tanto do ponto de vista da estrutura como da estética e vai diretamente ao coração dos espectadores. Os meninos são fantásticos ao

reconstruir as emoções que devem comunicar: como pequenos/grandes atores (todos canadenses) conseguem interpretar os alunos da escola de modo decididamente delicioso. Espontâneos e reflexivos, às vezes mais maduros que os adultos, cheios de ternura e espirituosos, representam o núcleo desta obra rica de emoção, mas também de ironia.

E Fellag, o ator que interpreta o protagonista também na peça teatral, é insuperável. Viveu em parte a dor do exílio de Bachir porque, enquanto estava em tournée na Tunísia, deflagrou a guerra civil no seu país e ele não pôde mais voltar.

Usa da mesma força e da mesma dignidade ao esconder o seu drama: um rosto duro e marcado, mas muitas vezes iluminado por aquela mesma ternura que permeia a história. Impressionante trabalho que confere, com inteligência e consciência, sua pequena/grande contribuição para arranhar os muros da hostilidade e das contradições da assim chamada civilização ocidental. «Uma película preciosa de indiscutível qualidade, que sabe relatar com limpidez uma porção 'atualíssima' da vida de hoje – sublinha a imprensa italiana. Possui o raro sabor da autenticidade e é verdadeiramente capaz de encontrar o canal certo para entrar em sintonia com o espectador falando ao coração e ao cérebro».

PARA REFLETIR

SOBRE A IDEIA DO FILME

Relatar de modo transparente e concreto como as emergências atuais ensinam que 'fazer escola' significa também nunca deixar de 'ir à escola'

Ensinando às crianças e a si mesmo a não escapar da morte, Lazhar restitui e se restitui a vida. Sua humanidade evoca e repropõe um passado pedagógico no qual o ensino era também iniciação à vida, isto é, transmissão de uma paixão, antes, de um saber; era o abraço entre mestre e aluno, era profunda abertura interior a uma compreensão que se tornava aprendizagem recíproca.

«Obra decididamente apreciável – comenta a Comissão NVF. A direção prefere uma tonalidade média, com um considerável entrelaçamento de tons claros, sérios, empenhativos.

As dificuldades do protagonista em fuga de um País islâmico; o confronto com o episódio do suicídio, que significa colocar em jogo delicadas capacidades psicológicas; a gestão das relações professor/ adolescentes, muitas vezes arriscando incompreensões: muitas e fortes articulações dialéticas fluem ao longo de uma narração pacata e moderada, mais atenta a explorar as nuances dos afetos, do que cavalgar a raiva da denúncia. Um quadro cuidadoso, minucioso, aqui e acolá poético, para um filme que, do ponto de vista pastoral deve ser avaliado como aconselhável e apto aos debates».

SOBRE O SONHO DO FILME

Ajudar a refletir sobre a 'complexa entidade orgânica' que é a escola e como hoje ela é interpelada pelos problemas da integração migratória.

“O *Senhor Lazhar* não é bonachão, mas o apólogo moral deu lições. Desde séculos”, escreve a crítica. Parece que a obra quer relançar literalmente a sabedoria do mote salesiano: “A educação é coisa do coração”. Todos os interessantes pontos de reflexão propostos são explorados com naturalidade e eficácia e se no início pode parecer um filme sobre o luto, o argumento transforma em realidade a ocasião para uma pesquisa sobre o que é a escola nos dias de hoje, sobre como o excesso do “politicamente correto” mudou a sociedade, tornando em vez impossível um sistema educativo baseado no contato e na empatia, para cumprir o seu papel. O coração do filme é a relação entre as crianças e o mestre, contemporaneamente porém a atualidade de instâncias sociais como as transmigrações (incluindo o risco de expulsão), e a solidão familiar de muitas crianças, se impõem à reflexão. «É uma história sobre a complexa entidade orgânica que é a escola, declara o diretor, (...) interessava-me que a elaboração do luto acontecesse em um contexto no qual houvesse o encontro entre um imigrado e nós (...) agrada-me pensar que o filme seja uma resposta à difusão dos pontos de vista sobre como integrar os imigrantes (...)”.

m.perentaler@fmailia.it



Antônio Spadaro: Cyberteologia

Emilia Di Massimo

Antônio Spadaro, jesuíta, diretor da Revista “La Civiltà Cattolica”, explorador da dimensão digital da vida cotidiana, dá uma alta e pioneira contribuição escrevendo o livro “Cyberteologia”, entendida tanto como o estudo da espiritualidade que se exprime “em” e “através” da Internet como a inteligência da fé no tempo da Rede. O autor, porém, não pretende buscar na Rede novos instrumentos para a evangelização ou empreender uma reflexão sociológica sobre a religiosidade na Internet: Antonio Spadaro identifica pontos de contato e de fecunda interação entre a Rede e o pensamento cristão.

O pensamento teológico e a lógica da Rede podem convergir assim como a teologia pode ajudar o homem em Rede a descobrir novos caminhos que abram para Deus e, com isso, a era digital oferece ao cristianismo pistas para abrir à comunhão e à transcendência. É evidente que para o autor o desafio é *como viver bem em tempo de Rede* e não tanto *como usar bem a Rede*.

Uma busca sincera e profunda

Os principais questionamentos aos quais Antônio Spadaro procura responder no seu texto, são os seguintes: *“A revolução digital, toca de alguma forma a fé? Não se deve talvez começar a refletir sobre como o cristianismo deve pensar-se e se dizer nesta nova paisagem humana?”*

As tentativas de resposta, bem justificadas pelo autor, têm suas raízes na convicção de que a Igreja não pode estar ausente lá onde o homem exprime sua capacidade de conhecimento e manifesta a exigência da relação. Em base a tal princípio, o autor sustenta que, dentro da Rede, a fé é chamada a exprimir-se pelo fato de o cristianismo ser conatural à vida dos homens e não só por uma mera vontade de estar presente. O livro parte da mesma experiência do autor em contato com um mundo que, por muito tempo, considerou a Internet somente como um ulterior meio de comunicação a serviço da evangelização, e se

desenvolve ao mesmo tempo como uma sincera e profunda busca de sentido.

Novos desafios

Em tal perspectiva, Antônio Spadaro considera, com realismo, o complexo conjunto de consequências, que tudo isso pode ter para a reflexão teológica, exprimindo algumas perplexidades e críticas construtivas, deixando-se acompanhar também pelas orientações do Papa Bento XVI a respeito da mídia que influi na consciência do indivíduo, forma a sua mentalidade e determina o seu modo de ver as coisas: “Se as novas linguagens causam impacto sobre o modo de pensar e de viver, isso diz respeito, também, de certo modo, ao mundo da fé, à sua inteligência e à sua expressão.

A teologia, segundo uma clássica definição, é a inteligência da fé, e bem sabemos como a inteligência entendida como conhecimento reflexo e crítico, não seja estranha às mudanças culturais que estão ocorrendo. A cultura digital apresenta novos desafios à nossa capacidade de falar e de escutar uma linguagem simbólica que fale da transcendência”...

E o autor parte em busca daquilo que significa tudo isso abrindo pistas de reflexão; alguns exemplos: Spadaro reflete sobre a palavra “salvar”, que para um cristão tem certas implicações e para um usuário do computador tem outras.

O resultado é surpreendente: “salva-se” de uma condenação teológica por meio do perdão, mas uma vez que sobre o PC se “salva” para impedir a exclusão e o cancelamento, o novo contexto no qual navega a palavra “salvar” convida a refletir sobre o fato de que o perdão não equivale a cancelar.

A Rede tornou-se o lugar no qual o esquecimento é impossível, o lugar em que os nossos traços são potencialmente incanceláveis. E o que se descobre indagando sobre a palavra “converter”? Converter um arquivo significa colocá-lo num outro formato de modo que seja legível num outro código e numa outra linguagem: “a conversão é então uma

redenção da incomunicabilidade”, o que ajuda os teólogos a redescobrirem o significado originário da conversão como o “reabrir-se a um relacionamento quebrado” para “restabelecer um contato que gera sentido”.

Um caminho cheio de humanidade

O caminho de Antônio Spadaro continua atravessando a vida cotidiana das pessoas que caminham com os fones do iPod, escapando do lugar em que estão para conectar-se a mundos de diferentes significados.

Com relação ao que foi declarado, o autor afirma: “Em um contexto cultural no qual a resposta de sentido tende a preceder a busca, é importante aprender a formular bem as perguntas, considerando que a busca de Deus é sempre semântica e o seu significado não é abstrato, mas nasce e depende sempre de um contexto”.

Lê-se na introdução: «Se os Cristãos refletem sobre a Rede não é apenas para aprender a “usá-la” bem, mas porque são chamados a ajudar a humanidade a compreender o significado profundo da Rede no projeto de Deus: não como instrumento a ser “usado”, mas como ambiente a ser “habitado”». E ainda: «a tarefa da Igreja e de cada comunidade eclesial é acompanhar o homem em sua caminhada, e a Rede faz parte integrante deste percurso, de maneira irreversível».

Os temas apresentados no livro são abrangentes. O texto deve ser lido para que se aprenda a respeitar muito mais tudo quanto o mundo contemporâneo está apresentando, mesmo quando está longe de ser católico. Além disso, o livro merece ser aprofundado para que se reencontre o prazer de um caminho cheio de humanidade, capaz de abrir atalhos mentais e espirituais fascinantes, de fazer pensar e de fazer viver em Rede sem perder a insubstituível capacidade relacional que só o contato real pode oferecer.

emiliadimassimo@libero.it

MÚSICA



A música é “Talent”

*Mariano Diotto**

“A música é uma revelação mais profunda do que toda a sabedoria e filosofia» dizia Ludwig van Beethoven e é certamente parte fundamental da vida de cada pessoa.

A música evoca momentos, lugares, sensações e emoções. Em tempos idos a gente cantarolava na rua, agora os jovens cantarolam em silêncio movendo os lábios, com os fones brancos nos ouvidos, ligados a um levíssimo dispositivo que é capaz de conter 10.000 canções: o dispositivo mp3.

A crise da indústria de discos fez com que nascesse um novo caminho para se chegar à fama: participar de um *Talent show* televisivo. Realmente até os anos 90 havia figuras profissionais chamadas *talent scout* que giravam pelo mundo para descobrir as vozes mais belas a serem propostas às casas de discos. Nos últimos 15 anos em vez difundiu-se em todo o mundo formatos televisivos que requerem novos cantores e novos estilos musicais. No final dos anos 90 nasce na Grã Bretanha o *Pop Idol* ao qual seguirão nos anos sucessivos, com adaptações em muitos países do

mundo, *Popstars*, *American idol*, *The X Factor*, *Operacion triunfo*-*Star Academy*, *Britain’s got talent*, *Amici*, para chegar ao último nascido: *The voice*.

Destes programas nasceram verdadeiros fenômenos discográficos como: Leona Lewis, One direction, Alexandra Burke, Melanie Amaro da *The X Factor*; Susan Boyle e Paul Potts da *Britain’s got talent*; Kelly Clarkson, Carrie Underwood, Jordin Sparks, David Cook da *American Idol*; David Bisbal, David Bustamante, Rosa Lopez da *Operación triunfo*, para chegar aos três jovens tenores italianos agora estrelas no mundo, chamados O voo e descobertos no programa italiano *Te deixo uma canção*.

Novas experimentações musicais

Os jornalistas e a crítica frequentemente criticam estes programas porquanto sendo dos *reality* trazem à luz os aspectos mais controvertidos dos participantes e não apenas seus dotes musicais.

A web está cheia de birras e lágrimas de concorrentes, de litígios entre juizes, de

incompreensões e bate-bocas entre os artistas aspirantes.

Obviamente cada formato destaca estes aspectos para obter escutas televisivas em base ao público de referência.

O que são os talent show?

Os talent show nascem no final dos anos 90 como “exibições de talentos” para a televisão, mas os formatos primordiais nasceram pelo rádio nos anos 30-40 nos Estados Unidos com o “Major Bowes Amateur Hour” ou na Itália nos anos 60 com “La Corrida”.

O Talent show prevê que os concorrentes, não sendo profissionais, põem à prova algumas de suas particulares tendências e depois são julgados, conforme o formato, por um júri de especialistas ou pelo público. Os programas mais populares foram os referentes à música, à dança e às habilidades circenses ou de magia.

O elemento positivo desta nova forma de descoberta dos talentos levou também a novas experimentações musicais porquanto as casas de discos gerenciam um novo cantor que, porém, teve ao menos dois ou três meses de passagem pela televisão e rádio, entrevistas nos jornais e na mídia.

Tudo isso é publicidade gratuita que os maiores da música capitalizam em produtos de altíssimo nível, mas também, algumas vezes, de má qualidade. Um exemplo são os cantores que saíram de um formato italiano chamado *Amici* no qual só dois ou três cantores se tornam realmente famosos porque são explorados apenas como produtos musicais por tempo determinado e rapidamente caem no esquecimento.

Espaços novos para a boa música

Leona Lewis em vez é o exemplo de como um talento pode ser valorizado dando-lhe as canções certas e requerendo-a, quanto à voz, como a nova Whitney Houston ou, quanto ao desempenho no palco, como a nova Mariah Carey e elevando o pop britânico ao auge como não se via há anos. «*Trying hard not to hear, but they talk so loud. Their piercing sounds fill my ears, Try to fill me with doubt yet I know that the goal is to keep me from falling. But nothing's greater than the rest that comes with your embrace and in this world of loneliness I see your face everyone around mi thinks that I'm going crazy, maybe, maybe. But I don't care what they say I'm in love with you*» são as palavras que Leona utiliza para falar de um amor contrariado na sua canção mais famosa “Bleeding Love” que vendeu mais de 10 milhões de cópias em todo o mundo.

Também Susan Boyle, revelação do *Britain's got talent*, elevou ao auge o gênero *liricpop* que antes era apanágio apenas masculino. O sucesso chegou mesmo com uma música não inédita intitulada “I dream a dream” do musical *I miserabili* que graças à fala criada no Youtube com outras 110 milhões de visualizações narrou sua estreia desde o “patinho feio” até a estrela de um *talent show*. Há ainda espaço, portanto para a boa música e para as belas vozes.

«Sem música a vida seria um erro» dizia Nietzsche e nós dizemos que «Sem música a vida não seria verdadeira vida».

**Diretor curso de licenciatura STC – IUSVE
Instituto Universitário Salesiano – Veneza*

mariano@marianodiotto.com





Vox Populi

Sim Irmãs espalhadas por todo o nosso amado mundo, sua Camilla está de volta!

Eu sei que vocês já sabem e que me esperavam com impaciência, mas deixem-me gozar deste momento!

Vox populi, Vox Dei... tudo bem, não é que aconteça sempre (sobretudo de nossa parte...), mas desta vez funcionou e teve o poder de me fazer retomar o papel e a caneta e reabrir o meu contato com vocês.

De resto, como poderia subtrair-me aos tributos de afeto que a sondagem promovida pela redação revelou? Não para me gabar, mas o pedido quase unânime da parte de vocês para restituir-me a palavra foi uma experiência muito agradável, mas pouco surpreendente; agradável, é obvio, porque a quem não é agradável o reconhecimento dos dotes que tem, por parte dos que o conhecem? (e eu de amigas, conhecidos e... “reconhecidos” tenho muitos deveras!).

Porém, mesmo um pouco óbvio porque – se me permitem – as minhas confidências contribuíram para formar gerações de fma e, em tempos de crise como os que ocorrem hoje, voltar às próprias raízes não pode senão fazer bem!

Então cumprimentos a vocês que, apesar de minha ausência prolongada, conservaram o melhor espírito das origens e, em vez de sonhar com algo de novo e potencialmente desestabilizador, levantaram-se num único coro para que lhes fosse concedida a oportunidade de voltar a beber na fonte da qual tiravam a água no passado!

Espero não desiludi-las e concordo em voltar para saciar a sua sede, também porque a preparação para uma vida melhor que comecei há dois anos está se prolongando demais e, enquanto eu aguardo, pode também fazer-me ainda útil para isso.

Este ano em que a Igreja nos convida a uma nova evangelização (como se aquela dos meus tempos já estivesse desgastada... oh!) e o santo Padre nos pede para redescobrir a nossa fé (como se agora não houvesse fé suficiente para sustentar o dia a dia...) eu não posso realmente ficar de braços cruzados; se tocar a mim falar do Evangelho e da Fé também eu terei algo a dizer!

É fácil dizer Evangelho e depois escutá-lo sim e não durante a Missa; é fácil invocar o espírito de fé e depois fazer como achar melhor!

E, creiam-me: em nossas casas todas as cores são vistas, mas nem sempre o arco-íris é sinal da aliança!

Mas teremos tempo de falar sobre isso e de confrontar-nos. Como nos belos tempos!

Parola di C.



No próximo Número

DOSSIÊ

Para a felicidade de todos – *Bem-aventurados*

FIO DE ARIADNE

Para viver melhor

CONSTRUIR A PAZ

O ouro azul e os conflitos armados

PASTORALMENTE

A urgência de um ponto de vista

FAZ-SE PARA DIZER

Comunicação e comunidades felizes

O CORAÇÃO DO HOMEM:
EIS O QUE ERA
JESUS

KAHLIL GIBRAN

1953/2013 **dma** SESSENTA ANOS

